

VIA TEOLÓGICA

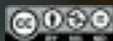
Volume 24 – Número 47 – jun. / 2023

ISSN 2526-4303 (ON LINE)

ARTIGO

JESUS, O CAMINHO PARA O PAI: UMA EXEGESE DE JOÃO 14.1-7

*Pedro Veiga de Aguiar Guimarães
Dr. Valtair Afonso Miranda*



A Revista Via Teológica está licenciada com uma Licença Creative Commons. Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional

JESUS, O CAMINHO PARA O PAI¹: UMA EXEGESE DE JOÃO 14.1-7

JESUS, THE WAY FOR THE FATHER: AN EXEGESIS OF JOHN 14.1-7

*Pedro Veiga de Aguiar Guimarães²
Dr. Valtair Afonso Miranda³*

-
- 1 O título em questão é o mesmo que está presente na Bíblia de Estudo NVT que, entre os demais analisados, possui um esclarecimento melhor tanto do conteúdo quanto da aplicação que é possível ser feita da perícope.
 - 2 Graduado e Licenciado em História (UFRJ), graduado em Teologia (Seminário do Sul/FABAT), mestrando em Estudos Teológicos da Dallas Baptist University (EUA). E-mail: pedro@missoesnacionais.org.br
 - 3 Pós-doutor em Cognição e Linguagem (UENF), doutor em História (UFRJ), doutor em Ciências da Religião (UMESP), professor do Programa de Pós-graduação em Cognição e Linguagem (UENF), diretor acadêmico do Seminário do Sul/FABAT. E-mail: valtairmiranda@gmail.com

RESUMO

O presente artigo buscará realizar uma análise exegética da perícope de João 14.1-7, destacando seu contexto vital e elementos de natureza literária, teológica e interpretativa de acordo com diversos autores. O texto em questão marca o início de uma seção maior do Evangelho de João, que se caracteriza pelo consolo de Jesus aos seus discípulos pelo que haveria de vir em sua morte e ressurreição. Por isso, sua importância é fundamental, não somente para compreender a profundidade das ações de Cristo com seus discípulos, preparando-os para o que aconteceria a seguir, mas também por carregar aspectos bem característicos da literatura joanina.

Palavras-chave: Evangelho de João. Exegese. *Sitz in Leben*. Hermenêutica.

ABSTRACT

This article aims to carry out an exegetical analysis of the pericope of John 14:1-7, highlighting its vital context and elements of a literary, theological and interpretive nature according to different authors. The text in question marks the beginning of a larger section of the Gospel of John, which is characterized by Jesus' comfort to his disciples for what was to come in his death and resurrection. Therefore, its importance is crucial, not only for understanding the depth of Christ's actions with his disciples, preparing them for what would happen next, but also for bearing very characteristic aspects of Johannine literature.

Keywords: Gospel of John. Exegesis. *Sitz in Leben*. Hermeneutics.

INTRODUÇÃO

A Bíblia, de forma ampla, já passou por diversos problemas interpretativos ao longo da história. Muitos deles ocorreram por falta de conhecimento técnico sobre o que realmente está escrito e como o aplicar corretamente com seu sentido original. A isso se dá o trabalho da Exegese, na qual o presente trabalho se ocupará na perícopes de João 14.1-7, a fim de esclarecer certos posicionamentos acerca do mesmo ou modificá-los, ao ampliar a visão sobre o texto por meio da análise contextual, temática, semântica e hermenêutica. Para tanto, serão usados materiais como comentários bíblico, exegético, expositivo e histórico-cultural, assim como bíblias de estudo e dicionários, a serem descritos com mais detalhes nas referências bibliográficas ao final do trabalho.

Primeiramente, é necessário pontuar no que consiste o trabalho exegético. O Dicionário Enciclopédico da Bíblia é curto ao colocar exegese como um termo correlato à “Bíblia” e “interpretação” (DICIONÁRIO, 1977, p. 521), mas isso é uma sinalização de seu objetivo geral. A exegese nada mais é do que a “explicação e interpretação de um ou mais textos bíblicos” de forma minuciosa, utilizando-se de vários recursos e instrumentos científicos para a análise da Escritura Sagrada (WEGNER, 2016, p. 21).

De forma mais clara, o Manual de Exegese Bíblica afirma que:

Exegese, portanto, responde à seguinte questão: Qual era o significado que o autor bíblico queria comunicar? Exegese refere-se tanto ao que ele disse (o contexto propriamente dito) quanto a por que ele o disse num determinado lugar (o contexto literário) - na medida em que isso pode ser descoberto, dada nossa distância em tempo, linguagem e cultura (STUART; FEE, 2008, p. 25).

Essa definição, contudo, não pode ser confundida com hermenêutica, pois, embora sejam trabalhos que se complemen-

tam, não são exatamente iguais. Enquanto esta veio focalizar a interpretação em um ponto histórico posterior ao do texto, portanto obedecendo a regras já preestabelecidas desta ciência, a exegese usa de seus instrumentos para esclarecer o contexto na qual este foi produzido. Em outras palavras, “a hermenêutica bíblica designa mais particularmente os princípios que regem a interpretação dos textos; a exegese descreve mais especificamente as etapas ou os passos que cabe dar em sua interpretação” (STUART; FEE, 2008, p. 25).

É fundamental, portanto, que as duas sejam complementares. O objetivo deste trabalho é que, por meio da exegese e do que ela se propõe, possam ser elucidados alguns pontos da perícope de forma ampliada, produzindo assim uma hermenêutica mais trabalhada e centralizada na profundidade do texto. Ele envolve tanto a exegese quanto a exposição do texto.⁴

1. TEXTO JOÃO 14.1-7

41

1.1 O TEXTO EM PORTUGUÊS⁵

“Que não se perturbe o vosso coração. Acreditei em Deus e acreditei em mim. Na casa do meu Pai há muitas moradas. Se assim não fosse, ter-vos-ia dito que parto para preparar um lugar para vós? E se eu partir e preparar um lugar para vós, regresso e receber-vos-ei para mim, para que onde eu estiver vós estejais também. E para onde eu vou, vós conheceis o caminho.” Diz-lhe Tomé: “Senhor, não sabemos para onde vais. Como podemos conhecer o caminho?”. Diz-lhe Jesus: “Eu Sou o caminho e a verdade e a vida. Ninguém chega ao Pai a não ser através de mim. Se me conhecêsseis, teríeis conhecido o meu Pai. A partir de agora já O conheceis e O vistes”.

4 A metodologia adotada é semelhante à que Beacon define em seu comentário bíblico acerca da separação entre exegese e exposição, sendo a primeira o estudo da língua original e o contexto bíblico e a segunda, um esforço do comentarista em elucidar pontos em que o autor sente-se afetado à medida que os descobre.

5 Para o texto em português, foi utilizada a Bíblia traduzida do grego por Frederico Lourenço.

1.2 O TEXTO EM GREGO⁶

Μὴ ταρασσέσθω ὑμῶν ἡ καρδία· πιστεύετε εἰς τὸν θεὸν καὶ εἰς ἐμὲ πιστεύετε. ἐν τῇ οἰκίᾳ τοῦ πατρὸς μου μοναὶ πολλαὶ εἰσιν· εἰ δὲ μή, εἶπον ἂν ὑμῖν ὅτι πορεύομαι ἐτοιμάσαι τόπον ὑμῖν; καὶ ἐὰν πορευθῶ καὶ ἐτοιμάσω τόπον ὑμῖν, πάλιν ἔρχομαι καὶ παραλήμψομαι ὑμᾶς πρὸς ἐμαυτόν, ἵνα ὅπου εἰμι ἐγὼ καὶ ὑμεῖς ᾗτε. καὶ ὅπου [ἐγὼ] ὑπάγω οἴδατε τὴν ὁδόν. Λέγει αὐτῷ Θωμᾶς· κύριε, οὐκ οἶδαμεν ποῦ ὑπάγεις· πῶς δυνάμεθα τὴν ὁδὸν εἰδέναι; λέγει αὐτῷ [ὁ] Ἰησοῦς· ἐγὼ εἰμι ἡ ὁδὸς καὶ ἡ ἀλήθεια καὶ ἡ ζωή· οὐδεὶς ἔρχεται πρὸς τὸν πατέρα εἰ μὴ δι' ἐμοῦ. εἰ ἐγνώκατέ με, καὶ τὸν πατέρα μου γνώσεσθε. καὶ ἅπ' ἅρτι γινώσκετε αὐτὸν καὶ ἐωράκατε αὐτόν.

2. TEXTO E CONTEXTO

Antes de analisar a perícope, é necessário esclarecer alguns detalhes acerca do evangelho como um todo, para que o leitor tenha em mente os pressupostos que estão presentes no texto. Isso é ainda mais importante quando se fala do evangelho em questão. Na sua introdução sobre o evangelho de João, Hull (1983, p. 227) afirma que:

O Evangelho de João é ao mesmo tempo o livro mais fácil e mais difícil da Bíblia. Nele, a simplicidade e a majestade se interligam de modo inseparável. Embora vazada em termos singelos, sua teologia expressa uma das visões mais elevadas da verdade maior encontrada na Bíblia.

A linguagem do livro atesta isso por sua temática estar centralizada em ser um testemunho de Jesus Cristo, o Filho de Deus. Isso o diferencia dos demais evangelhos, pois sua ótica sobre os eventos está no sentido espiritual (cf. Jo 20.30-31). Não é, portanto, biográfico, possuindo diferenças consideráveis sobre episódios que são relatados nos evangelhos sinóticos. Sobre

6 Para o texto grego, foi utilizado Nestle Aland Novum Testamentum Graece, 28ª edição.

estes, Barclay e Hull os enfatizam com propriedade em seus respectivos comentários, enumerando também suas particularidades. A respeito disso, Perkins (2011, p. 732) diz:

Em vários pontos, João tem pontos de ligação com tradições presentes em Marcos, Lucas e, em grau menor, Mateus. Alguns pesquisadores sustentam que João dependeu de um ou mais dos sinóticos, mais comumente de Marcos. Outros sugerem que o impulso para colocar as tradições joaninas sobre Jesus na forma de um evangelho resultou da aparição de evangelhos em outras comunidades, que o evangelista pode ter tido algum conhecimento de um mais dos sinóticos, mas que o Quarto Evangelho se baseia em uma linha independente de tradição preservada nas igrejas joaninas.

A existência de uma comunidade joanina é importante não somente para a veiculação e preservação do texto, mas também abre a discussão sobre a própria produção. Devido ao texto não levar um nome formal que defina sua autoria, alguns autores, como Hull (1983), defendem que a obra joanina, de forma geral, foi escrita pela comunidade cristã joanina ao longo do primeiro e segundo século. Embora não haja um consenso entre os estudiosos, a hipótese tradicionalmente aceita é a de que João, filho de Zebedeu, é o autor deste evangelho. Isso é corroborado tanto pelos relatos dos primeiros séculos que atribuem a ele a autoria quanto por evidências internas indiretas e diretas. O fato de o discípulo que a escreve ter testemunhado sobre as coisas que escreveu (cf. Jo 21.24) é uma delas, embora não sejam inteiramente conclusivas.

A definição do autor também irá sugerir o local e a datação em que ele foi escrito. Tradicionalmente é dito que o evangelho foi escrito em Éfeso, embora também haja divergências mesmo que se admite a autoria de João, como a de Kenner (2017), que afirma que é uma suposição razoável considerar Galiléia ou Síria pela veemente posição de João aos fariseus. A datação é algo

menos conflituoso devido a algumas evidências arqueológicas, como os papiros de John Rylands e os Manuscritos do Mar Morto, indicarem fortes evidências de sua escrita no final dos anos 90 do primeiro século⁷. Contudo, há também aqueles que acreditam ter sido mais cedo e, aos que não aceitam a autoria como sendo de João, colocam-na tardiamente, em meados do século 2.

O que fica evidente é que, embora não haja um consenso quanto a sua autoria e demais detalhes históricos da concepção do evangelho, é majoritariamente aceita a intenção do evangelho em ser redigido: “João quer que os homens creiam em Jesus Cristo e recebam uma nova vida por intermédio do nome dele” (WIERSBE, 2008, p. 228).

Também é amplamente aceita a divisão clássica em dois do evangelho, sendo a primeira intitulada “Livro dos Sinais” e a segunda “Livro da Glória”. Konings (2005, p. 17) vai além em determinar dois tipos de estruturas, sendo esta citada a estática e uma outra dinâmica, que segundo ele determina:

[...] o vaivém entre as diversas partes do livro, sobretudo entre as duas partes maiores: a segunda parte determina a perspectiva da primeira, enquanto a primeira constitui a memória que é aprofundada na segunda, de modo que o sentido da primeira parte se revela na segunda. Os fatos públicos da vida de Jesus (os “sinais”, Jo 1-12) recebem seu significado último em torno da cruz (que é a “glória” de Jesus, Jo 13-20).

É nesta segunda parte que se encontra a perícopes do trabalho. A seguir, veremos suas especificidades.

2.1 DELIMITAÇÃO

É igualmente conflituoso a divisão de perícopes no capítulo 14. Alguns comentaristas parecem delimitá-la retirando o

⁷ Essa datação é amplamente veiculada por bíblias de estudo como a de Genebra, NVT e Arqueológica.

primeiro e o sétimo versículo, como é o caso de Keener (2017) e Barclay (2006) respectivamente. Outros, como Hull, delimitam-na até o versículo 11, além de boa parte das bíblias estabelecerem somente duas divisões de temáticas: a primeira que se inicia no verso 1 e termina no 15 e a segunda iniciando no 16 e terminando no final do capítulo, no verso 31.8 Com isso, pode-se observar duas possíveis delimitações quanto à perícope: ou os versículos 1 e 7 são transições entre a antiga e a próxima perícope ou o diálogo de Jesus com os discípulos, até que ele aborde novamente a partida dele para o Pai, consiste em uma só perícope de diversos temas correlatos ao que se inicia no verso primeiro. Sobre isso, o Comentário Beacon afirma que:

Há uma pausa no pensamento entre a conclusão de 13.38 e o início do capítulo 14. Jesus acabou de indicar a Pedro a sua futura negação, e não há nenhuma introdução para um novo tema. [...] No entanto, se estes versículos de abertura (1-4) tivessem sido prefaciados por um simples 'Ele disse a Pedro' ou 'Ele lhes disse', a dificuldade estaria resolvida. Seria fácil encontrar não só uma continuidade de pensamento, mas também um propósito muito significativo nestas palavras quando relacionadas com o que Jesus acabara de dizer a Pedro (EARLE; MAYFIELD, 2006, p. 121).

45

Quanto à perícope anterior, embora também haja divergências em sua divisão, é mais aceito que se trata do início de um bloco maior de discursos de Jesus acerca de sua missão e como isso os afeta como discípulos dele. Essa tensão se inicia com o primeiro anúncio de traição e, posteriormente, com a repressão de Jesus à suposta fidelidade de Pedro. Porém, esse último estabelece uma relação diferente da traição anterior, que foi deliberada. Barclay afirma que:

[...] Por parte de Pedro jamais houve algo menos premeditado que a negação de Jesus. Jamais

8 Das bíblias analisadas, a exceção é a Arqueológica NVI, que além de colocar um título a partir do verso 5, também antecipa o título das demais bíblias para o verso 15.

se propôs fazer algo semelhante. Viu-se impulsionado por um instante de debilidade. Por um momento, sua vontade foi muito fraca, mas o coração sempre apontava rumo à direção correta. A diferença entre Judas e Pedro é que o pecado do primeiro foi algo premeditado enquanto que o do segundo foi o resultado de um momento de debilidade e provocou um arrependimento que durou toda a vida (BARCLAY, 2006, p. 438).

Pode-se estabelecer uma relação próxima de misericórdia na fala de Jesus, pois o próprio questionamento de Pedro revela, como afirma Perkins, “a inevitável compreensão errônea das palavras de Jesus por parte dos discípulos antes de sua glorificação (14, 5.8.22)” (PERKINS, 2011, p. 794). É nesse contexto que o Comentário Beacon afirma:

A promessa e a reafirmação das palavras de Jesus a Pedro e aos outros dez discípulos eram desesperadamente necessárias. Jesus, que conhecia por experiência a angústia de um espírito atribulado (11.33; 12.27; 13.21), poderia dizer com toda autoridade e entendimento solidário: Não se turbe o vosso coração (14.1). Então, como para defender a fé tardia de todos os seus ouvintes, Ele deu dois grandes imperativos, ambos no plural: ‘Tenham fé em Deus, e tenham fé em mim’ (EARLE; MAYFIELD, 2006, p. 122).

A perícope posterior demonstra a continuidade dessa mentalidade dos discípulos, com a pergunta de Filipe. Parece haver um desejo intrínseco nos discípulos de uma revelação mais clara das suas palavras, na qual Jesus responde com o fato de que quem o vê, vê o Pai e, se não for por isso, que eles creiam pelas suas obras.

A continuidade da temática é um dos fatores que reforça a dificuldade em delimitar a perícope. Neste trabalho, a abordagem que foi optada de divisão dessa perícope é a mesma de Hull (1983).

2.2 *SITZ IN LEBEN*

A fim de continuar a ampliar a compreensão do evangelho e da perícope, faz-se necessário usar o conceito de *Sitz in Leben*, sendo este o conceito vital que os envolve. Por meio dele, faz-se uso dos aspectos políticos, sociais, econômicos e religiosos como forma de compreender detalhes expostos no texto que fogem ao texto bíblico, compondo-se em um contexto totalizante do livro.

Na perícope em questão, o caso é bastante peculiar, pois envolve uma conversa íntima com os seus discípulos, sendo mais discreto, uma contribuição de dados mais gerais sobre o contexto do escritor e do relato vivenciado. Contudo, existem elementos que podem aprofundar o significado do texto.

2.2.1 Aspecto social

A redação do evangelho é feita em um contexto de separação entre judaísmo e cristianismo. O cenário era de extremo sincretismo entre filosofia grega e estoicismo da mentalidade dos gentios, assim como algumas heresias surgidas no seio das comunidades cristãs, como é o caso do gnosticismo. Havia, juntamente com isso, uma falta de definição quanto à identidade cristã de forma geral, devido à influência dos judeus convertidos.

Isso, contudo, é um elemento que também permite sua amplitude para vários públicos de diversos contextos. Konings (2005, p. 36) afirma que:

O amplo uso de símbolos e arquétipos lhe dá um alcance mais universal, o que permite seu aproveitamento para falar de nossa experiência hoje. João escreve em face da realidade de sua comunidade, mas não apenas em função dela. Reage à expulsão dos cristãos da sinagoga judaica, mas em termos que ultrapassam essa circunstância. Reflete o conflito com o judaísmo, mas não é um tratado sobre esse conflito, muito menos um escrito antijudaico.

Nesse contexto, reafirmar a divindade de Jesus era fundamental para que os cristãos percebessem não somente a principal diferença destes para os demais grupos, mas fundamentar no que eles realmente esperam.

3.2.2 Aspecto religioso

O Quarto Evangelho é conhecido pela sua distinção entre os demais, denominados sinóticos. Uma dessas diferenças reside, justamente, no pouco uso de referências do Antigo Testamento, sendo somente 18 explícitas com paralelos nos sinóticos (PERKINS, 2011, p. 733). Porém, ao endereçar também judeus convertidos, é impossível que alguns paralelos não cruzem a mente dos leitores e dos discípulos ouvintes, mesmo que implícitos.

A isso, Keener lembra o fato de que existem momentos do AT em que Deus dizia a seus servos para que não temessem, como em 2 Crônicas 20.20. Porém, essa relação de fé em Deus e fé em Jesus como a mesma coisa poderia soar blasfêmia para antigos ouvintes judeus (KEENER, 2017). O dilema das palavras exposto pelo comentarista revela a complexidade do aspecto religioso de seu contexto.

Porém, isso também mostra o cuidado em sua redação e no uso das palavras de Jesus. Sabendo o público que está sendo endereçado, o autor tem a precaução de reproduzir a mensagem da forma que os seus leitores compreendam na mesma medida que os próprios discípulos creram: de forma lenta, desconstruindo seus pressupostos anteriores.

2.2.3 Aspecto político

O aspecto político é o que evidencia o principal antagonista pela sua influência e autoridade nos respectivos contextos, tanto da perícopes quanto da redação. De forma geral, os judeus são postos como esses vilões. Perkins (2011, p. 742), ao comentar esse assunto, afirma que:

O uso genérico da expressão “os judeus” por parte de João como antagonistas no relato eliminou muito da diversidade dos indivíduos judeus que aparecem nas tradições sinóticas. As explicações da descrença não se fundamentam nas peculiaridades do judaísmo, mas nas oposições fundamentais do mundo simbólico criado pelo Evangelho.

A escolha do autor pesa sobretudo na posição influente que os fariseus exercem sobre o povo. No aspecto político, esse grupo se sobressai nesse evangelho como o principal antagonista do ministério de Jesus e a personificação do judaísmo. Isso tem implicações tanto da representatividade do contexto bíblico quanto do redacional. Segundo Keener (2017, p. 291),

Depois de 70 d.C., a influência de muitos grupos religiosos na Palestina foi destruída; os fariseus começaram a assumir uma liderança maior em questões religiosas. Os principais oponentes dos fariseus eram, possivelmente, os cristãos judeus [...]. O fato de João concentrar-se nos fariseus (os demais grupos estão limitados à narrativa da Paixão) talvez sugira que a oposição deles na narrativa é, de alguma forma, análoga à oposição sofrida por seus leitores cristãos nas comunidades em que viviam.

49

Fica evidente que essa oposição é tanto política quanto religiosa. Contudo, foi escolhida a posição política como predominante neste trabalho devido ao antagonismo eventualmente influenciar a própria sentença de crucificação de Cristo, e na oposição que o autor observava enquanto redigia o evangelho.

Os discípulos, embora sejam judeus, estão em um processo de transformação iniciado pelo chamado de Jesus. As perícopes anteriores e posteriores a essa revelam, ainda, a dificuldade destes de compreender as palavras que Jesus dizia, mas ao invés da dureza como Ele tratava alguns que estavam incrédulos, a estes responde com graça, consolando-os.

3. ANÁLISE LITERÁRIA

3.1 ESTRUTURA DO TEXTO

Por se tratar de uma perícope de um discurso, não há muitos comentários que apontam estruturas dentro dela. A que se destaca nesse quesito é Barclay e Beacon, ao dividi-la em dois blocos explicativos: um na qual ele somente apresenta o consolo⁹ e outra na qual Jesus responde ao questionamento de Tomé¹⁰.

De forma resumida acerca da perícope, Hull (1983, p. 385) afirma que:

Como um antídoto para o desespero, Jesus os convidou para crerem em Deus e nele mesmo. Pela fé, seu mundo, que parecia tão vazio sem ele, se tornaria, em vez de uma casa mal-assombrada, um lar espiritual, com muitas moradas, que incluíam um lugar preparado para eles quando da “partida” (isto é, morte e ressurreição) de Jesus.

Jesus, portanto, nessa perícope, deseja consolar seus discípulos pelos eventos que haverão de vir dizendo que não somente ele mesmo preparará o lugar para eles, mas que também irá buscá-los para com ele irem. Além disso, reafirma que ele é o único meio de se acessar o Pai e com Ele habitar.

Características particulares deste discurso de Jesus são algo recorrente ao Quarto Evangelho. A suficiência de Jesus Cristo como propiciador da salvação e o Filho que cumpre a vontade do Pai são temas recorrentes da literatura joanina, e apontam justamente para a peculiaridade do evangelho. O testemunho do Quarto Evangelho é para que esses fatos fiquem cada vez mais evidentes para os seus leitores.

9 Em Barclay, dos versos 1 ao 3, e em Beacon, dos versos 1 a 4.

10 Em Barclay, dos versos 4 ao 6, e em Beacon, dos versos 5 a 7.

3.2 GÊNERO LITERÁRIO

Seguindo a linha dos sinóticos, o Quarto Evangelho também se propõe a ser um tipo de biografia de Jesus, mas de maneira distinta. Um dos pontos está na sua escrita, o que o coloca numa posição única diante dos demais. Diante disso, Keener (2017, p. 292) afirma:

O estilo de linguagem de Cristo aqui difere de suas palavras nos demais Evangelhos. Quanto a essa questão, vale observar que os antigos autores eram treinados a parafrasear os discursos que ouviam. Alguns estudiosos também defendem que João, sob a orientação do Espírito, adapta as palavras de Jesus à situação dos leitores. Entre os judeus, era comum que os mestre e (sobretudo) os contadores de história adaptassem as diferentes narrativas do Antigo Testamento a formas mais relevantes para seu público. A maioria dos discursos de Jesus em João 3-12 consiste em conflitos com as autoridades judaicas e é possível que guardem alguma semelhança com os relatos mais breves de debates entre rabinos e seus oponentes. Outros estudiosos também comparam os longos discursos de Jesus em João com os discursos interpretativos que aparecem, com frequência, nas obras dos antigos historiadores.

51

Dessa descrição, nota-se não somente como a escrita é correlata com a situação que os seus leitores estavam passando. Na perícope em questão, sendo esta parte de um dos discursos de Jesus, traz a sua autoridade e seu consolo. Isso também evidencia o fato de esse evangelho ser comumente associado a um aspecto mais afetivo, devido a seu caráter humanizador da história de Jesus.

Sobre essa questão, Barclay (2006, p. 19) vai dizer que:

Não há outro Evangelho que acentue em forma tão absoluta a autêntica humanidade de Jesus. Jesus se indignou com os que compravam e ven-

diam no templo (2:15); estava fisicamente cansado quando se sentou junto ao poço perto de Sicar em Samaria (4:6); seus discípulos lhe ofereceram comida da mesma maneira como teriam oferecido a qualquer homem que sentisse fome (4:31); sente simpatia por quem sente fome e por quem aqueles que sentem medo (6:5,20); conhecia a dor e derramava lágrimas como o teria feito qualquer pessoa que estivesse de luto (11:33, 35, 38); na agonia da cruz o grito de seus lábios secos foi ‘Tenho sede’ (19:28). O quanto Evangelho nos mostra um Jesus que não era nenhuma figura docética, fantasmas; mostra-nos alguém que liga o cansaço de um corpo exausto e as feridas de uma mente e um coração desconsolados. O que o quarto Evangelho nos apresenta é o verdadeiro Jesus humano.

Este é o principal aspecto do evangelho que o deixa tão atraente: sua facilidade com a proximidade da humanidade de Jesus, ao mesmo tempo que carrega verdades teológicas profundas e enfatiza a divindade de Jesus.

52

4. PERSONAGENS

4.1 JESUS

A perícopes está totalmente centrada nele, pois trata-se de um discurso seu para os seus discípulos. Nessa sessão especificamente, entre os capítulos 13 a 17, boa parte será de uma fala contínua com poucas interrupções para perguntas ou inferências. Esse quadro de intimidade é algo que trará peso às suas palavras como alguém que está se despedindo de seus amigos e deixando as diretrizes do que fazer depois de sua partida.

Além disso, seu discurso realça ainda mais o peso de quem ele é para os seus discípulos. Seu discurso agora é inteiramente pautado no reino vindouro, na preparação e a culminação de sua volta para levá-los com ele. De forma harmoniosa, essa perícopes

fortalece a percepção cristológica do Quarto Evangelho. Como afirma Perkins (2011, p. 743):

A conclamação do ‘crer’ que ecoa ao longo de todo o Quarto Evangelho tem caracteristicamente Jesus como seu objeto [...]. O Evangelho deixa claro que esta fé é a condição da salvação. Ele pressupõe que ‘crer em’ Jesus implica perceber a relação especial existente entre Jesus e o Pai, a qual é o ponto central dos discursos no Evangelho.

Todos esses aspectos da cristologia joanina são citados aqui, pois Cristo coloca-o como o único caminho para o Pai e define como é a sua casa. Não somente isso, mas ele voltará para buscar aqueles que creem em Deus e também nele para com eles morarem. Em suma, Wiersbe (2008, p. 272) define o que Jesus diz na perícopes de forma completa: “Cristo, o Carpinteiro (Mc 6:3), está construindo uma casa celeste para todos os que crêem nele. E ele retornará a fim de receber os seus para ele mesmo.”

4.2 TOMÉ

Tomé é o discípulo que é diretamente citado nesta perícopes. Seu questionamento é reflexo de uma personalidade que precisa de comprovação, como fica evidente no seu episódio pós-ressurreição com Jesus.¹¹

A respeito disso, Barclay (2006, p. 444) afirma que:

Havia um entre eles que jamais podia dizer que entendia algo quando não era certo: esse homem era Tomé. Era um homem muito honesto e que fazia as coisas muito a sério para ficar satisfeito com expressões vagas e piedosas. Tinha que estar seguro. De maneira que Tomé expressou suas dúvidas e sua incapacidade para entender e o maravilhoso é que a pergunta de um homem que duvidava provou uma das coisas mais importantes que Jesus disse em toda sua vida.

¹¹ Cf. Jo 11:16, 20:24-29

Portanto, sua participação é fundamental para que o discurso continue a se desenvolver de uma maneira mais profunda. Embora reflita incredulidade, Tomé não é repreendido e tem seu questionamento respondido.

4.3 DISCÍPULOS DE JESUS

Nesta perícopes específica, os demais discípulos não são citados, mas sabe-se que eles estão ali ouvindo Jesus pelo contexto geral dessa parte do livro, além das perícopes anterior e posterior. A estes, Tomé serviu de porta-voz com sua pergunta, mas diante de todo o contexto, pode-se observar que eles não estavam entendendo o que Jesus queria dizer com suas palavras.

Mesmo assim, Jesus consola-os como a quem soubesse exatamente o que eles estavam sentindo.

5. ANÁLISE SEMÂNTICA

54

5.1 MORADAS

O uso da palavra “moradas” tem tanto uma importância intrínseca do seu significado quanto uma ampliação de seu significado quando associada com a expressão “casa do Pai”. Existem várias hipóteses para o uso desses dois termos.

Primeiramente, há uma interpretação mais judaica dessa palavra, que consiste no relato do “Livro dos segredos de Enoque” de graus ou níveis de beatitudes dependendo da vida que levou, reservando mansões boas para os bons e más para os maus. Seria uma questão de mérito pessoal, mas que estaria amplamente disponível a todos (BARCLAY, 2006). Outra hipótese é que a palavra *monai*, em grego, poderia significar etapas de desenvolvimento até a chegada ao céu definitivo, como se houvesse estágios até que se chegasse à presença de Deus. Essa hipótese, inclusive, é bem aceita por grandes pensadores cristãos dos pri-

meiros séculos (BARCLAY, 2006). Outra possível interpretação, essa já mais moderna, vêm de King James, ao traduzir o termo por “mansões”, portanto distanciando-se de visões mais ligadas a alguma tradição religiosa, mas colocando no imaginário um lugar de riquezas e prosperidade.

Como dito anteriormente, a expressão “casa de meu Pai” também suscita algumas interpretações mais específicas. A estas, Hull (1983, p. 385) endereça dizendo:

Primeiro, estas palavras foram proferidas próximas à sombra do Templo, geralmente chamado de casa do Pai (cf. 2:16). Fora do santuário (grego, *naos*) propriamente dito havia muitos abrigos, onde os cansados peregrinos podiam descansar. Jesus pode ter-se aludido a esta situação familiar quando ensinou que prepararia um lugar (grego, *topos*, um termo comum para o Templo, como em 11:48), isto é, por sua morte e ressurreição, ele se tornaria o verdadeiro templo espiritual (2:19:21), enchendo o universo com a presença de Deus (4:21-24; cf. Is. 66:1), não deixando sequer um canto vazio e nenhum aposento desocupado. [...]

Uma segunda linha de comparação é sugerida pelo relato dos Sinópticos, de como Jesus, no dia anterior, enviou dois de seus discípulos adiante, para “prepararem” um “aposento” especial, onde pudessem comer a Páscoa (Mar. 14:12-16). Eles não sabiam o caminho, mas seguiram um homem, que os levou a ‘um grande cenáculo’ onde tudo estava “preparado”. Este acontecimento pode ter sido utilizado como uma analogia, em que o relacionamento dos discípulos com Jesus, depois de sua partida, se assemelharia à íntima comunhão que experimentaram então com ele num lugar preparado de uma casa com muitos aposentos.

Todas essas hipóteses se resumem no que há de mais simples em sua fala: as moradas são o futuro lugar de habitação dos discípulos de Jesus. “Qualquer casa da Terra se pode encher

muito, uma estalagem pode ter que rechaçar a algum viajante esgotado porque carece de lugar. Isto não acontece com a casa de nosso Pai, porque o céu é tão vasto como o coração de Deus e há lugar para todos” (BARCLAY, 2006, p. 442).

Além disso, enquanto os discípulos permanecessem na Terra, eles ainda seriam amparados pela presença de Deus por meio do Espírito Santo, e com isso viveriam com a promessa da habitação futura na certeza do retorno de Jesus para buscá-los. Segundo Hull (1983, p. 385):

A palavra-chave *moradas* (grego, *monai*), no verso 2, encontra-se novamente em o Novo Testamento apenas no verso 23, onde é traduzida por ‘lar’. E lá a referência é a forma como os crentes devem aprender a viver ‘em casa’, neste mundo, depois da encarnação, porque o Cristo exaltado e seu Pai virão outra vez, para habitar com eles numa comunhão espiritual.

Em todos os sentidos, a palavra “moradas” traz a certeza de que, com Jesus, os discípulos terão seu lugar.

56

5.2 CAMINHO

Essa foi a palavra que suscitou a pergunta de Tomé e a resposta de Jesus mais completa com três termos essenciais para fundamentar a sua exclusiva autoridade como salvador. Ao buscar uma definição sobre a palavra “caminho”, Konings (2005, p. 229) afirma que:

No AT a palavra caminho é usada também como metáfora: a vida do homem, sua conduta, seu comportamento, seus costumes, são chamados o caminho do homem. ‘O caminho de Deus’ tem duplo sentido: é o modo de agir de Deus, mas também o caminho que os homens andam, porque Deus assim o mandou: o caminho do Senhor é o comportamento que Deus prescreveu ao homem; o caminho tornou-se assim quase sinônimo de mandamento.

O que Tomé e os demais discípulos poderiam pensar é que haveria certas práticas específicas ou direções a serem seguidas para que se chegasse até as moradas da casa do Pai. Contudo, Jesus chama para si a prerrogativa de ser o caminho, e portanto faz sentido dizer que eles já o conheciam. Embora não entendessem suas palavras, ele dizia que era somente por ele que se poderia chegar ao final.

Sobre a suficiência de seguir Jesus como o caminho, Hull (1983, p. 386) vai afirmar duas razões apresentadas:

Primeira, ele é o único caminho pelo qual se pode ir ao Pai. Apesar de os discípulos não terem alcançado seu destino final, podiam estar certos de que Deus esperava por eles ao fim de sua peregrinação. Segunda, conhecer Jesus significava conhecer o Pai também, inseparáveis que eram (cf. 10:30). Num certo sentido, o fim fora antecipado do início, quando Deus permitiu ser visto na vida terrena de seu Filho.

Além disso, ele continua sua fala. “‘Verdade’ e ‘vida’ modificam a expressão ‘caminho’ com duas das imagens soteriológicas básicas do Evangelho. Jesus não é somente um guia para a salvação; ele é a fonte da vida e verdade [...] (PERKINS, 2011, p. 794)”.

57

5.3 VERDADE

Assim como o termo “caminho”, “verdade” e vida” possuem um significado culturalmente enraizado, mas também há um significado particular que é passado pela literatura joanina. Sobre essa segunda, Konings (2005, p. 1549) afirma que:

Para João, a verdade é a palavra do Pai (17,17; 1Jo 1,8.10) que Cristo ouviu do Pai e veio anunciar (Jo 8,40.45s). A diferença com a revelação do AT é por ele fortemente frisada: ‘a lei foi dada por Moisés, a graça e a verdade vieram por Jesus Cristo’ (1,17), pois com ele e nele a revelação de-

finitiva da salvação tornou-se realidade; por isso ele é cheio de graça e de verdade (1,14) e pode chamar a si mesmo ‘a verdade’ (14,6).

O Quarto Evangelho enfatiza como que Jesus é a verdade e como esta se manifesta em seu ser. Sobre isso, o Vocabulário Teológico do Evangelho de São João pontua:

Jesus é a verdade (14,6) em virtude de nele residir plenamente a realidade divina (o Espírito-amor), que realizou nele a plenitude da realidade humana. Com sua atividade em favor do homem (10,37s), que manifesta o amor de Deus, revela ao mesmo tempo a verdade sobre Deus e sobre o homem.

Mas é na cruz, o momento (‘a hora’) de sua obra suprema, que ocorre a revelação plena [...]. Sua morte voluntária manifesta quem é Deus: o pai que ama gratuitamente (*charis*) e até ao extremo (*alêtheia*) o homem; ao mesmo tempo revela o que é o homem segundo o projeto de Deus: o Filho que é capaz, como o Pai, de amor gratuito até ao limite [...]. A ‘verdade’ ou realidade de Deus e do homem é, portanto, a mesma: o amor gratuito e fiel. A *alêtheia* é assim a fidelidade do amor [...]. (MATEOS; BARRETO, 1989, p. 278)

Portanto, o que Jesus está fazendo é dar algo concreto ao qual seus discípulos possam se apegar. A “verdade” é uma pessoa que se pode conhecer. Como afirma Barclay (2006, p. 446), “nenhum professor foi jamais a encarnação de seus ensinamentos, com exceção de Jesus. [...] O tremendo a respeito de Jesus não é que a afirmação da perfeição moral encontra sua cúspide nele, embora isso seja certo, mas sim o fato da perfeição moral se vê realizada nele.”

5.4 VIDA

Por último, o termo “vida” amplia tanto o significado das palavras anteriores quanto as das atuais tradições, pelo seu sentido mais abrangente de “vida definitiva”. O termo *zôê* não demonstra somente a vida física, mas “uma qualidade de vida que

é definitiva e, sendo assim, não está sujeita à morte” (BARCLAY, 2006, p. 285).

Sobre essa definição, o Vocabulário Teológico do Evangelho de São João afirma que:

Jesus, que recebe a plenitude do Espírito (1,32s), possui a plenitude da vida divina e dispõe dela, como o Pai (5,21.26;17,2). É missão sua comunicar vida ao homem e vida em abundância (10,10), vida definitiva (10,28;17,2). Por isso Jesus é a Vida (14,6), porque a possui em plenitude e pode comunicá-la.

O mandamento/encargo do Pai a Jesus sobre o que tem que dizer e propor significa vida definitiva [...]. (MATEOS; BARRETO, 1989)

Portanto, assim como Jesus é a encarnação do caminho e da verdade, ele também possui plenitude de vida para fornecê-la a quem o seguir. “Não apenas a existência, que, aliás, é eterna para todas as pessoas, mas uma plenitude de vida em perfeita realização com o propósito de Deus (1.4)” (BÍBLIA..., 2009, p. 1401).

Conclui-se, portanto, que a expressão é completa e define a divindade de Jesus por completo. “A Verdade e a Vida não são abstrações ideais. Elas estão presentes de forma concreta no Filho encarnado de Deus, que é tanto a Verdade como a Vida. Há uma espécie de exclusividade gloriosa sobre Cristo, o Caminho” (EARLE; MAYFIELD, 2006, p. 122)

6. HERMENÊUTICA

6.1 IDEIA CENTRAL DO TEXTO

Fica claro que, nesta perícope, Jesus está perfeitamente consciente do que está prestes a enfrentar e os seus discípulos não. Estes ainda tinham inúmeras perguntas e não conseguiam compreender o que ele queria dizer.

Ao invés de repreendê-los, Jesus se aproxima deles com o consolo de suas palavras e promessas. A paz que ele fornecia não estaria pautada em outra coisa senão nele mesmo. Suas palavras garantiam não somente que conhecia a casa do Pai, mas que também ele mesmo prepararia um lugar para eles, voltaria para buscá-los e que somente Ele teria essa autoridade de fazê-lo. Embora esses discípulos tivessem muitos questionamentos, podiam vê-lo agora falando diretamente com eles e haviam parcialmente conhecido os seus feitos.

Portanto, o que Jesus faz é consolá-los com a manifestação da glória de Deus por meio da sua própria obra. O foco está inteiramente na obra que somente ele pode fazer, e que não é possível fora de conhecê-lo. Isso tudo é feito com misericórdia e graça, diante de uma iminente traição e abandono que sofreria por estes. Fica evidente, então, o que é dito anteriormente no livro: “tendo amado os seus neste mundo, amou-os até o fim”¹².

6.2 APLICAÇÕES TEOLÓGICAS

Nesta perícopes, o que fica evidente é a forma que Jesus abdica de seus próprios sentimentos em prol de realizar a vontade de Deus. Ele já havia testemunhado isso antes, perante seus discípulos, ao dizer que seu alimento era fazer a vontade de Deus¹³, mas agora isso não está tão claro diante deles. Eles entendiam que o ambiente era de tensão diante das palavras anteriores e que ele estava aflito, mas não conseguem compreender totalmente o que há de acontecer e o porquê.

Jesus lida com a sua própria aflição consolando a dos seus discípulos. Não espera uma compreensão destes, mas entende que seus olhos ainda não conseguem ver toda a gloriosa missão que há de cumprir, e até que o Espírito venha, não será possí-

¹² Cf. Jo 13.1.

¹³ Cf. Jo 4.34.

vel enxergá-la e aprendê-la de forma completa¹⁴. Mais uma vez, a natureza do amor de Deus é manifesta aos seus leitores por meio de sua humildade de servi-los com seu conforto.

À medida que os discípulos foram crescendo espiritualmente, fica evidente que a segurança que estes tinham daquilo que viram e ouviram era o que os motivava a cumprir a obra de Cristo. Quando suas vendas caíram, as palavras de Cristo foram ainda mais reverenciadas por eles, correndo riscos da própria vida. Inclusive Pedro, que haveria de traí-lo, também seria um dos maiores representantes do Evangelho, ao pregá-lo para judeus.

Logo, as palavras de Jesus possuem diferentes significados à medida que seus discípulos crescem no conhecimento não somente da letra, mas também de sua pessoa, e cada vez mais sentem-se mais seguras e satisfeitas com Sua obra. Histórias como essa deveriam motivar ainda mais os cristãos a se engajarem no conhecimento de Deus e de Suas palavras, pois ainda há muito o que se conhecer e a fazer.

Além disso, pode-se imaginar como o consolo de Cristo foi algo manifesto em tantas gerações e contextos diferentes. Sua partida física deste mundo nunca impediu o agir do seu poder como Deus sobre todos. Ele continua falando e consolando, não importa a situação. A palavra aqui dita não passará, mas permanecerá para sempre¹⁵.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Logo, nota-se que o Evangelho de João se enriquece à medida que ele é explorado. Do contexto dos seus eventos até os da sua escrita, a divindade de Jesus e a maneira com a qual são relatados os acontecimentos na perspectiva joanina são acentuados e valorizados por gerações. Não é sem motivo que este é um dos

¹⁴ Cf. Jo 14.25-26.

¹⁵ Cf. Mt 24.35.

evangelhos mais buscados para os primeiros passos na fé, pois sua linguagem é tanto simples à primeira vista quanto complexa para aqueles que desejam se aprofundar em seus estudos.

Sobre a perícope em questão, fica evidente que ela manifesta vários atributos particulares da literatura joanina, assim como fornece um dos textos principais para a definição da divindade de Jesus. A sua exclusividade como sendo o caminho, a verdade e a vida é também o que o glorifica sobre as demais divindades conhecidas, pois nele é cumprida toda a vontade do Pai e ele se faz conhecido para os seus discípulos.

Há, portanto, uma responsabilidade de cada vez mais novos leitores da Bíblia se dedicarem arduamente ao estudo de suas palavras, para que o conhecimento sobre o seu ser seja manifesto amplamente para mais pessoas. Que este estudo possa servir de inspiração para aqueles que desejam conhecer a Jesus cada vez mais.

Conclui-se, assim, com as palavras de Thomas a Kempis enfatizando as palavras de Jesus:

Sem o Caminho, não há como ir; sem a Verdade, não há o que saber; sem a Vida, não o que viver. Eu sou o Caminho que deveis seguir; a Verdade que deveis crer; a Vida pela qual deveis ter esperança. Eu sou o Caminho inviolável, a Verdade infalível, a Vida sem fim. Eu sou o Caminho que é o mais reto, a Vida não criada. Se permanecerdes no meu Caminho, conhecereis a Verdade, e a Verdade vos libertará, e tomareis posse da vida eterna. (EARLE; MAYFIELD, 2006, p. 123)

REFERÊNCIAS

ALAND, Nestle. **Novum Testamentum Graece 28 Edition**. c2023. Disponível em: <https://www.academic-bible.com/en/online-bibles/novum-testamentum-graece-na-28/read-the-bible-text/bibel/text/lesen/stelle/53/140001/149999/ch/fd-5100692fb41d348dfed18fca6d49ab/>. Acesso em: 29 set. 2023.

BARCLAY, William. **Comentário do Novo Testamento**. [S. L.]: Harper Collins, 2006.

BÍBLIA de Estudo Arqueológica. NVI. São Paulo: Vida, 2013.

BÍBLIA de Estudo Nova Versão Transformadora. São Paulo: Mundo Cristão, 2018.

BÍBLIA de Estudo de Genebra. 2. ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil; São Paulo: Cultura Cristã, 2009.

BRAY, Gerald. **História da interpretação bíblica**. São Paulo: Vida Nova, 2017.

CARSON, D. A.; MOO, Douglas J.; MORRIS, Leon. **Introdução ao Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1997.

DICIONÁRIO Enciclopédico da Bíblia. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1977.

EARLE, Ralph; MAYFIELD, Joseph H. **Comentário Bíblico Beacon**. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.

HULL, William E. João. *In*: COMENTÁRIO Bíblico Broadman, vol. 9. Rio de Janeiro: JUERP, 1983.

KEENER, Craig S. **Comentário histórico-cultural da Bíblia: Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2017.

KONINGS, Johan. **Evangelho Segundo João: amor e fidelidade**. São Paulo: Loyola, 2005.

MATEOS, Juan; BARRETO, Juan. **Vocabulário teológico do Evangelho de São João**. São Paulo: Paulinas, 1989.

PERKINS, PHEME. Evangelho Segundo João. *In*: BROWN, Raymond E.; FITZMEYER, Joseph A.; MURPHY, Roland E. (ed.). **Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: Novo Testamento e Artigos Sistemáticos**. Santo André; São Paulo: Academia Cristã; Paulus: 2011.

STUART, Douglas; FEE, Gordon D. **Manual de exegese bíblica**. São Paulo: Vida Nova, 2008.

WEGNER, Uwe. **Exegese do Novo Testamento**: manual de metodologia. 8. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2016.

WIERSBE, Warren W. **Comentário Bíblico Wiersbe**: Novo Testamento. Rio de Janeiro: Geográfica, 2008.